

## Etnografia da mídia e do digital: um campo onde a comunicação e a antropologia se encontram

---

**Isabel Travancas** (ECO-UFRJ)

**Victoria Irisarri** (EIDAES/CONICET - FSOC/UBA)

### Introdução

Antropologia e Comunicação costumam ser pensadas como áreas distintas e desconectadas. Aprendemos com T. Adorno e M. Horkheimer (1985), criadores da expressão “indústria cultural” que abarca o campo das artes, do lazer e da informação, todos presentes nas sociedades contemporâneas. A Comunicação se tornou um imperativo e com o desenvolvimento tecnológico colocou em questão termos como emissor e receptor, uma vez que eles se mesclam e se confundem na atualidade.

Neste Dossiê, que reúne trabalhos de diversos pesquisadores brasileiros e uma argentina, temos um pequeno retrato do universo de estudos do campo da comunicação. Eles estão conectados e marcados pela perspectiva antropológica, especialmente o conceito de cultura nos termos de Clifford Geertz (1978). Para o antropólogo, o conceito de cultura deve ser compreendido a partir de uma perspectiva semiótica e de sua busca pelo significado. A etnografia é entendida como uma formulação teórico-metodológica e não como um mero instrumento de pesquisa. Como destaca a antropóloga Mariza Peirano (2014) a etnografia implica em um envolvimento do pesquisador com seu campo, na construção de relações com seus interlocutores em busca de respostas para as suas perguntas em uma tentativa de compreensão do universo da comunicação de massa e do mundo digital, ambos muito presentes no século XXI.

Além dos artigos este dossiê traz resenhas de dois livros e uma entrevista.

Dossiê **Etnografias da Mídia e do Digital** - <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 3, 2022

DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27991

As resenhas são:

*Evidências* de Howard Becker (Zahar: 2022) por Adriana Amaral e Édison Gastaldo e *Atravesar las pantallas. Noticia policial, producción informativa y experiencias de la inseguridad* de Mercedes Calzado e Susana M. Morales (Tese0: 2021) por Lucía Rho.

“Evidências e inferências na pesquisa social” é o título da resenha de Adriana Braga (PUC-Rio) e Édison Gastaldo (CEP-FDC) do livro do pesquisador norte-americano, membro da Escola Sociológica de Chicago, Howard Becker. Nesta obra, lançada recentemente no Brasil pela editora Zahar, Becker discute os desafios metodológicos presentes no trabalho científico e a relação entre dados e evidência.

Howard Becker é uma referência no campo da antropologia urbana nos Estados Unidos e no Brasil. O pesquisador esteve no Rio de Janeiro nos anos 1990 à convite do PPGAS do Museu Nacional onde dialogou com alunos sobre a perspectiva da Escola de Chicago e a influência em suas pesquisas.

*Atravesar la pantalla. Noticia policial, producción informativa y experiencias de la inseguridad* analisa o noticiário policial, suas rotinas produtivas, as regularidades discursivas e o modo como as audiências vivenciam a insegurança na sua vida cotidiana.

A entrevista com Edgar Cruz foi realizada por nós, organizadoras do Dossiê, de forma virtual. Cruz é um pesquisador mexicano que vem estudando os usos das diversas plataformas, redes sociais e tecnologias digitais, com particular atenção na fotografia. Ele aceitou conversar conosco sobre este campo a partir da sua trajetória, de suas pesquisas e de seu especial interesse em pensá-lo epistemologicamente a partir da América Latina<sup>1</sup>.

Para este dossiê recebemos 26 artigos – uma parte dos artigos selecionados está sendo publicada neste número e os outros na edição de 2023. Este número expressa o

---

<sup>1</sup> Agradecemos a disponibilidade de Edgar Gomez Cruz de conversar conosco o que ampliou nossa compreensão deste campo na contemporaneidade.

interesse de pesquisadores do campo da Comunicação de estudarem os meios de comunicação de massa, seus produtores e receptores e o universo digital em uma perspectiva antropológica.

### **O digital na vida cotidiana**

A digitalização da vida cotidiana trouxe novos desafios para as pesquisas que unem a antropologia e a comunicação. Se na década de 90 o processo de digitalização através dos dispositivos tecnológicos e das redes sociais era uma novidade, trinta anos depois ele se tornou praticamente inevitável. Um olhar para o passado nos permite compreender as transformações nas abordagens etnográficas do mundo digital. Em um primeiro momento o surgimento da Internet trouxe novidades e modificou as dimensões temporais e territoriais que exigiram novas conceitualizações teórico-metodológicas. O processo de incorporação da perspectiva etnográfica no novo campo virtual foi se transformando ao mesmo tempo em que a própria tecnologia se modificava com rapidez.

Alguns autores têm trabalhado com a perspectiva histórica para analisar a relação entre o método etnográfico e os estudos da Internet (Ardèvol & Gómez Cruz, 2015) e destacam três períodos que permitem compreender estas mudanças. São eles: o das etnografias do ciberespaço, o das etnografias da Internet e o das etnografias digitais. Atualmente a diferença entre estas três fases não é tão clara. No primeiro momento conceitos clássicos da antropologia como identidade e comunidade tiveram um papel de destaque e produziram debates sobre a Internet nos quais ela era interpretada como um lugar afastado das experiências humanas e existia para além da realidade cotidiana.

Nos anos 2000 a Internet se tornou um espaço fundamental de socialização com pesquisas que se tornaram referências (Miller e Slater, 2000; Ginsburg, Abu-Lughod e Larkin, 2002; Hine, 2004). Com estas novas perspectivas a Internet se tornou um novo lugar na vida cotidiana onde é possível fazer observação participante. Em relação às etnografias digitais, a característica principal não se refere à Internet mas à multiplicidade de telas e dispositivos

cujas interações marcam a vida cotidiana. Nesse contexto, houve um duplo movimento nas pesquisas que estavam sendo realizadas. Ao mesmo tempo em que se aprofundaram nos chamados mundos virtuais e também reinterpreta as relações entre o que acontece dentro e fora das telas, desfazendo assim a divisão entre o mundo *online* e *offline*. Nesta abordagem o mundo digital passa a fazer parte do cotidiano, transcendendo a separação entre “virtual” e “real” para se tornar uma extensão das diversas formas de agir no mundo.

Este momento dos estudos etnográficos sobre as mídias de comunicação e o universo digital abre novas questões sem precisar correr atrás das inovações tecnológicas que sempre parecem ser mais rápidas que as análises acadêmicas. Assim, a expansão das tecnologias digitais coloca o desafio de desenvolver abordagens etnográficas adequadas ao novo contexto. Na sua plasticidade, a etnografia permite a reelaboração de novas estratégias teórico-metodológicas que incorporem as transformações da vida social em sentido amplo, sem ter a urgência da novidade tecnológica. Assim, este dossiê traz abordagens etnográficas de objetos empíricos mediados por estas novas tecnologias em um exercício de descentramento e produção de diferenças o que evita a redução em categorias e em análises amplas como “impacto tecnológico” ou “lacuna digital”. Por um lado, a análise recai sobre o determinismo das tecnologias sobre os processos sociais, apagando a relação entre humanos e tecnologias. Por outro lado, esse olhar apenas evidencia a falta (ter ou não ter acesso). Isto pareceria por si só explicativo, afastando-se da análise relacional e situada que permite ir além dessas posições centradas na tecnologia (Miller, 2021; Welschinger Lascano, 2020).

Neste sentido, levando em conta as diversas abordagens e os caminhos percorridos nas pesquisas, os artigos trazem novas perspectivas. A etnografia aparece de forma transversal nos trabalhos. Em primeiro lugar porque eles respondem à chamada do dossiê. Ao mesmo tempo cabe destacar a aposta dos autores em delimitar uma abordagem com características próprias e em diálogo com a teoria e com o trabalho de campo. Além disso, destaca-se a inovação na escolha dos objetos de estudo que acompanha as transformações das mídias massivas de comunicação e digitais. Por fim, os artigos trazem contribuições

teóricas que possibilitam um diálogo entre a comunicação e a antropologia. Assim, os autores aqui presentes assumem o desafio, tanto teórico como empírico, de estreitar a relação entre as duas disciplinas.

### **Os desafios do digital: lives e construção de si**

O tema do primeiro núcleo de artigos do Dossiê é: “Os desafios do digital: lives e construção de si”. Ele reúne os textos: “Uma etnografia sobre desconexão voluntária: motivações e estratégias para desconectar” de Sandra Rúbia da Silva e Thiago Álvares da Trindade, “MMA e a batalha de lives em tempos de pandemia” de Débora Krische-Leitão e Diéssica Shaiene Gaige e “Etnografia com leitores: desafios e possibilidades de pesquisa sobre clubes de leitura em contexto digital” de Jean Silveira Rossi e Liliane Dutra Brignol.

O artigo de Sandra Rúbia e Thiago Trindade problematiza o consumo das tecnologias digitais e suas consequências a partir da análise de movimentos contemporâneos de “desconexão voluntária”. Os dois pesquisadores investigam os motivos do desejo de distância do digital e destacam a presença, a produtividade e a privacidade como elementos fundamentais para a realização deste afastamento. A privacidade é uma das razões para se manter distante das redes sociais, afirmam seus entrevistados. Ao mesmo tempo, eles também valorizam as tecnologias como elementos que ajudam na realização das tarefas cotidianas, por exemplo. Da Silva e Trindade salientam que, ao mesmo tempo, seus “nativos” as reconhecem como “facilitadoras” da vida cotidiana.

Débora Krischke-Leitão Leitão e Diéssica Shaiene Gaige em seu trabalho “MMA e a batalha de lives em tempos de pandemia” realizam uma etnografia através da plataforma Instagram. Elas entrevistaram 32 lutadores e nove promotores do MMA (Mixed Martial Arts) e identificaram duas retóricas nas postagens: “lutar também fora da luta” e a outra que enfatiza o sofrimento físico. Para as pesquisadoras as lives dos atletas do MMA nas plataformas digitais durante a pandemia produziram sensações de co-presença e de “estar

junto”, além de outras formas de sociabilidade e engajamento dos indivíduos como o compartilhamento de uma espécie de narrativa transmídia.

“Etnografia com leitores: desafios e possibilidades de pesquisa sobre clubes de leitura em contexto digital” de Jean Rossi e Liliane Dutra Brignol analisa o projeto “Leia Mulheres” que realiza encontros mensais online em 176 municípios do país para debater obras de mulheres. O estudo parte de uma abordagem etnográfica para se aproximar do público leitor feminino. Os autores selecionaram cinco clubes, cada um de uma região do país para participar e observar, de forma remota, de três encontros de cada um deles. Rossi e Brignol perceberam que as práticas de leitura privadas e públicas se misturavam na construção dos laços criados entre as participantes do Clube.

### **A produção jornalística e suas temporalidades**

O segundo núcleo intitulado “A produção jornalística e suas temporalidades” é composto pelos artigos: “Para além da lentidão: influências das relações entre tempo e espaço no conceito de jornalismo etnográfico” de João Noé Alves de Carvalho e Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior; “Produção da notícia televisiva na Argentina. Notas para um marco etnográfico”, de Mercedes Calzado e “Contribuições da etnografia para a pesquisa em jornal”, de Gabriela Silva Meneses, Bruna Cunha Mastrella e Ana Beatriz Lemos da Costa. Estes três artigos trazem distintos olhares para a forma de fazer jornalismo hoje.

O primeiro artigo “Para além da lentidão: influências das relações entre tempo e espaço no conceito de jornalismo etnográfico” de João Noé Alves de Carvalho e Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior aproxima etnografia e jornalismo, destacando a dimensão temporal lenta em ambas as formas de fazer pesquisa. Cabe destacar que os autores não abordam qualquer tipo de jornalismo. Trata-se do jornalismo literário ou imersivo. No entanto, este artigo procura ampliar o conceito de jornalismo etnográfico desenvolvido por Anne K. Hermann. Ele é caracterizado por uma postura interpretativa em lugar de objetiva; por uma imersão no objeto de interesse e por um tipo de escritura com traços literários que

procura narrar de forma vivencial e sensorial os acontecimentos. Ao definir a etnografia como um “método-pensamento”, os autores procuram discutir uma forma de fazer jornalismo que se aproxime da etnografia e gere mundos dentro do mundo e também atenda a questões temporais, sociais, culturais e também éticas.

O segundo artigo desta mesma seção - “Produção da notícia televisiva na Argentina. Notas para um marco etnográfico”, de Mercedes Calzado - procura identificar as tensões, limitações e potencialidades da etnografia da mídia como marco para um estudo de redações de telejornais da Cidade de Buenos Aires. Neste trabalho a pesquisadora Mercedes Calzado apresenta um panorama de investigações para compreender quais as perspectivas etnográficas para esta temática. A partir desse entendimento apresenta seu trabalho sobre diversos jornais de televisão focados em notícias policiais. Três temas centrais da etnografia, especialmente da etnografia sobre jornalistas e jornais, são expostos neste texto: o acesso (e suas dificuldades) a estes canais de televisão para fazer pesquisa; a reflexividade dos jornalistas sobre seu próprio trabalho e, por último, a questão da escrita etnográfica que problematiza as formas de nomear o vivido.

Já o texto de Gabriela Silva Meneses, Bruna Cunha Mastrella e Ana Beatriz Lemos da Costa - “Contribuições da etnografia para a pesquisa em jornal” reúne as produções acadêmicas com enfoque etnográfico apresentadas no Congresso da Compós no Brasil. Este tipo de revisão bibliográfica permite conhecer as etnografias nos estudos da comunicação entre 2011 e 2021. O primeiro dado que chama a atenção é a pequena quantidade de pesquisas que abordam o fazer dos jornalistas na perspectiva etnográfica: apenas quatro trabalhos foram apresentados no período neste congresso.

Vale ressaltar a importância da abordagem etnográfica para o estudo das rotinas dos jornalistas. Não como uma técnica instrumental de pesquisa, mas como forma de mergulhar na vida cotidiana desta prática social e assim poder encontrar novas categorias analíticas que com outro tipo de estudo não seria possível. A partir levantamento dos artigos

apresentados na Compós e de sua análise foram definidos quatro os eixos temáticos de pesquisa sobre jornalismo a partir da antropologia.

1) estudos sobre os efeitos de diferentes culturas nas rotinas produtivas e nos modos de fazer jornalismo;

2) estudos sobre os efeitos de fenômenos socioeconômicos e de diferentes culturas nos rumos da profissão;

3) estudos etnográficos on-line;

4) estudos que analisam os efeitos da pandemia no jornalismo. Este tipo de abordagem pode ser promissora para ampliar as formas de olhar os atores, as instituições e as tecnologias que fazem com que o jornalismo também se transforme.

### **Mediação tecnológica: espaços de luta e militância**

O terceiro núcleo do dossiê tem como título a “Mediação tecnológica: espaços de luta e militância” e é composto por dois artigos. O primeiro “Pessoas negras seguindo pessoas negras: dinâmicas das identidades no Black Twitter brasileiro”, de autoria de Janderson Pereira Jacques e William Fernandes Araujo, debate as disputas nos usos do Twitter das identidades negras. Esta rede social tem se tornado um espaço virtual importante para os debates políticos atuais, colocando questões que ultrapassam a rede. E o tema das identidades negras não é exceção. Pelo contrário, como observam os autores a partir de uma etnografia on-line, os criadores de conteúdo da plataforma expõem suas vivências diárias e se tornam porta-vozes de pautas que estão em disputa e não são homogêneas nem estáveis. A identidade abordada como processo de identificação permite dar conta da complexidade destes processos expandindo os modos de ser negro.

O artigo “Pessoas negras seguindo pessoas negras: dinâmicas das identidades no black Twitter brasileiro” de autoria de Janderson Pereira Jacques e William Fernandes Araujo apresenta um debate fundamental sobre as disputas nos usos do Twitter para discutir as identidades negras. Esta rede social se tornou um espaço virtual importante para os



debates políticos atuais, trazendo temas para o debate público que perpassam as redes sociais. Neste sentido, a questão das identidades negras não é exceção. Ao contrário, como observam os autores, a partir de uma etnografia on-line, os criadores de conteúdo da plataforma colocam suas vivências diárias tornando-se porta-vozes de pautas que estão em disputa, não são homogêneas e nem estáveis. A identidade é vista como um processo de identificação que procura dar conta da complexidade destes processos expandindo os modos de ser negro.

O artigo que fecha o Dossiê é “Caburi: uma comunidade amazônica na sociedade em rede” de Soriany Neves analisa as mudanças nas dinâmicas de sociabilidade de uma comunidade rural – Caburi - no distrito de Parintins, no Amazonas. A autora apresenta as relações dos amazônidas com seu meio ambiente, assim como descreve as mudanças sofridas nas relações entre os membros da comunidade a partir da chegada dos celulares. Neves realizou uma pesquisa etnográfica que incluiu observação participante e entrevistas com jovens em espaços públicos com acesso ao wi-fi. Eles pertencem às classes populares e o acesso ao smartphone permitiu uma inclusão digital dos moradores de forma colaborativa. A autora destaca ainda que o ritmo desse grupo permanece ligado a uma temporalidade de comunidade com relação estreita com rio e a floresta.

Para terminar, convidamos os leitores a dialogarem com estes artigos que são também uma expressão do tempo em que vivemos. Esperamos que apreciem as pesquisas e usufruam dos textos.

### Referências bibliográficas

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARDEVOL, Elisenda; GÓMEZ CRUZ, Edgar. 2015. *Las tecnologías digitales en el proceso de investigación social: reflexiones teóricas y metodológicas desde la etnografía virtual*. Barcelona: CIDOB.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

GINSBURG, Faye, ABU-LUGHOD, Lila; LARKIN, Brian. 2002. *Media Worlds*. Los Angeles-University of California Press.

HINE, Christine. 2004. *Etnografía virtual*. Barcelona. Editorial UOC.

MADIANOU, Mirca; MILLER, Daniel. 2013. "Polymedia: towards a new theory of digital media in interpersonal communication". *International Journal of Cultural Studies*, vol. 16, n. 2: 169-187. DOI <https://www.doi.org/10.1177/1367877912452486>.

MILLER, Daniel, RABHO, Laila Abed, AWONDO, Patrick, DE VRIES, Maya., DUQUE, Marilia., GARVEY, Pauline, HAAPIO-KIRK, Laura, HAWKINS, Charlotte, OTAEGUI, Alfonso, WALTON, Shireen., WANG, Xinyuan, FUENTEALBA, Marcela, & DAVIDSON, Ian 2021. Front Matter. In *El Smartphone Global: Más allá de una tecnología para jóvenes: A Spanish Translation of The Global Smartphone* (DGO-Digital original, pp. i-iv). UCL Press.

<https://doi.org/10.2307/j.ctv20rsk75.1>

MILLER, Daniel; SLATER Don. 2000. *The Internet: An Ethnographic Approach*. Oxford/New York: Berg

PEIRANO, M. "Etnografia não é método". In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul/dez.2014.

WELSCHINGER LASCANO, Nicolás Sebastián. 2020. La emergencia de la cuestión digital: de la perspectiva de la brecha hacia la desigualdad digital. *Centro de Estudios para el Desarrollo Laboral y Agrario; Enfoques, perspectivas y situaciones*; 2; 6-2020; 137-156.